

HISTORIADOR MAX FLEIUSS

O repentino falecimento do venerando historiador prof. MAX FLEIUSS, secretário perpétuo e sócio Grande Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ocorrido às primeiras horas do dia 31 de Janeiro findo, veio abrir um grande claro no meio intelectual do país, principalmente entre os cultores das letras histórico-geográficas.

No seio daquele importante sodalício a presença do erudito varão, será sempre lembrada com veneração e saúde tal, a grande soma dos relevantes serviços por êle prestados durante quase meio século, em benefício do seu patrimônio cultural.

A atuação de MAX FLEIUSS como membro e depois secretário perpétuo da nossa principal instituição de história foi tão brilhante e de tal relevância e benemerência que, quando se quer aludir ao prestigioso Instituto, nos vem logo à mente, numa natural associação de idéias, a figura prestante e simpática do ilustre autor da *História Administrativa do Brasil*.

Filho do antigo naturalista HENRIQUE FLEIUSS, que reunia, igualmente, qualidades de primoroso artista, descendendo de linhagem espiritual tão requintada, cedo ainda, estreou-se nas letras, lançando em 1886 o *Anuário do Clube de Letras*, passando após a frequentar com assiduidade e brilho as páginas dos jornais e revistas da época, tendo em 1893 fundado o periódico *A Semana*, que circulou até 1895, sob sua direção. Cinco anos após, ou seja em 1900, mais duas suas obras eram lançadas: *Centenários do Brasil* e *Elementos de História Contemporânea* (adaptação da obra de F. CORREARD).

A excelente repercussão obtida com o lançamento dessas duas últimas contribuições históricas, atestada através de lisonjeiros juízos firmados por críticos severos, franqueou a MAX FLEIUSS as portas do tradicional templo da nossa História, onde êle viria a se tornar depois uma das figuras mais expressivas.

Honesto e culto pesquisador dos fatos históricos brasileiros, principalmente os que se relacionam com o segundo período monárquico e o seu imperador, fatos êsses muitos dos quais havia testemunhado, dada, já naquele tempo, a projeção intelectual do seu

nome, privando de relações pessoais com várias personagens da alta administração da época, havendo mesmo servido como secretário particular, em 1888, do Conselheiro RODRIGO SILVA, que foi membro do penúltimo ministério do passado regime, os trabalhos legados por êle à bibliografia histórica brasileira, representam úteis contribuições de cujo manuseio não se pode esquivar quem deseje servir-se de boa fonte para estudos daquela espécie.

Ingressando em 1900 no Instituto, por proposta do Conde de AFONSO CELSO, do Marquês de PARANAGUÁ e de outros historiadores, foi-lhe logo atribuída as funções de 2.º secretário, cargo que exerceu com tanta dedicação e eficiência que no limiar de 1906, com a renúncia do 1.º secretário, os seus ilustres pares designaram-no para o cargo vago. Com atribuições mais amplas e mais importantes no seio da nossa casa de História Pátria, MAX FLEIUSS teve oportunidade de mostrar mais uma vez a grande capacidade de trabalho, a competência e o zelo invulgar com que já se havia conduzido no cargo anterior.

Um dos seus primeiros cuidados ao assumir as funções de 1.º secretário foi a reorganização da valiosa biblioteca da benemerita instituição, — na especialização, a maior e a melhor do Brasil — entregando-a à competência do historiador VIEIRA FAZENDA, estendendo também os seus cuidados ao arquivo da casa, em que figuram preciosos manuscritos, e a mapoteca, tornando assim de real utilidade para os estudiosos, êsses três serviços, franqueados ao público.

Um ano após, na sessão de 4 de Fevereiro de 1907, sob a presidência do Sr. Marquês de PARANAGUÁ, o Conde de AFONSO CELSO disse que, sendo conhecidos os extraordinários serviços prestados ao Instituto pelo dedicado 1.º Secretário MAX FLEIUSS, a cujo esforço se devia em grande parte, se não de todo, a transformação material do antigo edifício, mandava a justiça que a tais serviços, e não eram os únicos, se desse condigno galardão. De acôrdo com os Estatutos e o desejo de vários consócios e com mais de um precedente, indicava a convocação de uma assembléia geral extraordinária para o fim de ser eleito o Sr. MAX FLEIUSS 1.º Secretário Perpétuo do Instituto.

Em assembléia geral extraordinária convocada para 9 de Março daquele ano, foi lido o parecer da Comissão

de Estatuto e Redação, composta dos Srs. MANUEL CÍCERO, relator; ARTUR GUILMARÃES, EPITÁCIO PESSOA, RODRIGO OTÁVIO e DR. ALFREDO NASCIMENTO:

“A Comissão de Estatutos e Redação, tendo examinado a proposta do Sr. Conde de Afonso Celso para que seja convocada uma assembléa geral extraordinária afim de ser eleito Secretário Perpétuo do Instituto o Sr. MAX FLEIUSS, é de parecer que a assembléa geral poderá ser convocada se assim o julgar conveniente o Sr. Presidente do Instituto, e certa de que os relevantes serviços prestados pelo Sr. MAX FLEIUSS justificam a alteração do Estatuto em que irá importar a sua eleição, subscreve a mesma proposta”.

Submetido o parecer à discussão, foi aprovado, sendo o Sr. MAX FLEIUSS proclamado 1.º Secretário Perpétuo. Já o haviam sido anteriormente o Cônego JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA, de 21 de Outubro de 1838 a 22 de Fevereiro de 1846; e o Comendador MANUEL FERREIRA LAGOS, de 9 de Abril de 1846 a 23 de Maio de 1851, quando foi eleito 3.º Vice-Presidente.

Não foi, pois, sem razão que ao registar o seu falecimento expressou-se, em certo trecho, o *Jornal do Comércio* desta capital: “Poder-se-á dizer, sem exagêro, que o Dr. MAX FLEIUSS integrou a vida do Instituto Histórico na vida nacional durante os quarenta e três anos que dedicou a essa ilustre e centenária academia de História Pátria. A assiduidade com que os Presidentes do Instituto, desde a entrada do Dr. MAX FLEIUSS, do Marquês de PARANAGUÁ ao atual, Sr. Embaixador MACEDO SOARES, desempenhavam sua alta missão à frente da douta corporação, encontraram na dedicação sem limites de todos os dias, de tôdas as horas, de todos os minutos, do seu Secretário a mais eficiente cooperação.

No seu gabinete de trabalho, tinham acesso, todos os pesquisadores da nossa História, que necessitassem de sua assistência cultural e de indicações bibliográficas para os seus estudos, os quais, depois de se avistarem com o velho mestre, dali saíam capacitados com os elementos desejados, que valiam por orientação segura para objetivar os empreendimentos culturais visados, mercê da grande bondade e do elevado espírito de cooperação do erudito varão.

A sua sala de trabalho, constituía assim, o centro de convergência dos cultores das nossas letras históricas.

Autor de mais de quatro dezenas de obras históricas, sem contar com os artigos esparsos em jornais e revistas, MAX FLEIUSS, homem quase octogenário, não ensarilhou, mesmo assim, as armas de lutador, comparecendo semanalmente com substancioso artigo do-

mingueiro, no *Jornal do Comércio*, sendo a última contribuição dessa série inserida após o seu falecimento.

Outra particularidade da singular vida do ilustre brasileiro era o entusiasmo com que acolhia os empreendimentos culturais de sua especialização, não se limitando só a aplaudir, mas também, traduzindo-se pela excelente colaboração que desinteressadamente prestava. Assim aconteceu quando o Conselho Nacional de Geografia resolveu sistematizar a grafia dos nomes geográficos. Sendo Consultor Técnico do C.N.G. (XII Seccção: Geografia e História) não quis êle deixar de trazer o seu depoimento sôbre o assunto, tendo elaborado então, substancioso trabalho historiando as primeiras iniciativas levadas a efeito nesse particular, no qual tomara êle parte saliente.

Essa contribuição, uma das últimas que produziu, acha-se inserta no n.º 4 ano IV, da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, sendo publicada depois do seu passamento.

Não possuindo outra fortuna a não ser as riquezas decorrentes das fulgurações do seu espírito e da sua cultura, nem tampouco sendo detentor de cargo público de relêvo, a notícia do seu passamento ecoou em todo o país, tendo a imprensa, unânimemente, dedicado extenso e carinhoso noticiário, bem como acolhido muitos artigos assinados por intelectuais, nos quais foram postas em relêvo as qualidades do benemérito historiador.

Logo que soube da infausta notícia o Sr. Embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, determinou a remoção do corpo para a sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde esteve exposto, recebendo alí homenagens póstumas dos seus pares e de incalculável número de intelectuais.

No cemitério, falou o Sr. Dr. PEDRO CALMON, orador oficial do Instituto Histórico, que proferiu o seguinte discurso:

“Quarenta e três anos unido à sorte e às glórias do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dele fizestes — MAX FLEIUSS — a própria razão da vida.

A casa de que fostes, por tanto tempo, a alma, moldura austera de esplêndida e infatigável atividade cívica, vos serviu também de câmara funerária. Alí trabalhastes com árdua intransigência pela cultura brasileira. Fizestes duma banca de estudos o baluarte duma defesa que se não esgotou no prematuro desânimo dos irresolutos, dos fracos, dos cépticos, mas, entusiasta e riça, constituíu a invariável epopéia da vossa fidelidade.

Engajando batalha na mocidade com o elegante descrédito das fôrças

morais da Pátria, lutando braço a braço na adolescência com as rondas do pessimismo e as patrulhas irônicas da desnacionalização do país, pela negação desdenhosa de seu passado — perseverastes no combate sem olhar o número e a importância dos contendores. Nesse romântico heroísmo havia a solidez das velhas crenças; iluminava-o a flama que era, na jornada, a sua lâmpada de sabedoria, e na contemplação, no recolhimento e no desinteresse à força viva de sua bondade, o coração generoso e forte que a paixão patriótica e as afeições tenazes sacudiam como as auras da madrugada a um sonoro sino religioso... Ouviamos-lhe a música. Comovia-nos esse hino espontâneo e pontual a festejar-nos a convivência. Sobrava-lhe fôlego para as ardentes convocações — dos homens de boa vontade — em torno dos símbolos nacionais.

Tinha dissimulada na simplicidade dos costumes burgueses a vocação do apostolado. Alguma coisa de sacerdotal dava ao seu assíduo serviço de sentinela da História o tom amável, a dignidade externa, o respeito público dum guardião inflexível. Propusera-se — quando a sua inquieta juventude se tranqüilizou na roda venerável dos Abencerragens do Império, geração de veteranos que lhe confiou o encargo piedoso de velar pela instituição que era, aparentemente, o seu asilo de inválidos e a sua academia de lembranças — propusera-se a zelar pelas tradições de sua gente, como se dependesse do seu culto, das flores que lhe atestassem a ara votiva do calendário dos dias faustos, a sobrevivência das grandes sombras ou a realidade dos exemplos memoráveis. Ficou a espertar com o seu cuidado místico, o fogo sagrado.

A luz de sua discreta labareda apareceu ao país como um teimoso claviculário de museu, como um impenitente cronista de heróis, triunfos e mártires, como um poeta das antigas maravilhas. Exagerava nessa vigilância a que não faltava a ênfase das convicções veementes?

Excedia-se por vêzes na hipérbole, deixava-se arrebatado pela asa da retórica acima das paisagens terrestres palmilhadas pelos sertanistas, pelos mineiros, pelos topógrafos, pelos pacientes analistas do terreno rude?

Não era devaneio. Cumpria ainda nisso a sua função de educador de multidões. Esparzia a eletricidade das exaltações benéficas. Era um semeador de idéias no seu ofício predileto de ensinar aos moços. Não compreendia a fria lição nem se contentava com a erudição sóbria. Queria as altas vozes que excitam e comandam. Dirigia permanentemente uma campanha imaginária. Agitava-se como um general de vanguarda no turbilhão íntimo de seus planos de

guerra — às conspirações do silêncio, à demolição dos conceitos, à depreciação dos nomes tutelares, à malícia dos descrentes, à surdez da indiferença, aos sutis atentados contra a beleza e a harmonia do seu Passado.

Não gostaria de outro elogio. Não teve outra política. Não se desviou por outros itinerários que não fôssem o dessa ciência ou melhor dessa arte suave — de forçar os brasileiros a admirarem o Brasil.

Promoveu Congressos de História, aliciou o concurso de notáveis patriotas, fez útil diplomacia com os órgãos estrangeiros de cultura, ajudou a tecer a textura de ouro do pan-americanismo espiritual, auxiliou os presidentes do Instituto, o Barão do RIO BRANCO, AFONSO CELSO, MACEDO SOARES a ritmar pelos compassos da vida nacional as realizações e os programas desta casa — e pôs assim, ao serviço da terra, a poderosa energia de otimismo cívico e de tradicionalismo criador que é a substância do seu trabalho.

Não desertou em quarenta e três anos de seu pôsto, do seu destino, do seu entusiasmo. Envelheceu sem dar por isso.

Viu, à volta de sua larga mesa, na sala do Instituto pequena como uma guarida e alta como uma torre, donde espiava com o olhar arguto a marcha do tempo — o desfile das gerações. Primeiro, os alquebrados remanescentes da monarquia. Depois, os estadistas da República que vinham da propaganda, das pugnas populares, que precederam e se seguiram ao destrôço do Império. Afinal os novos, muitos deles seus alunos, estudantes da Faculdade de Direito quando lá exercia o cargo de Secretário, ao lado de Afonso Celso, outros encaminhados pelo seu conselho, formados sob a direção paternal de sua amizade e de sua experiência...

Surpreendeu-o a morte quando menos a esperava. Não a calculou tão próxima. Foi sempre, é certo, o seu cavalleiresco adversário. Impregnara-se pelas responsabilidades da profissão no ar de eternidade que respiram as figuras históricas. Banhara-se na divina água que deu a Aquiles, mais de que a incolumidade, do peito valente, a expectativa da imortalidade serena. Não permitiu que morressem de todo, e da morte atroz que consome a memória, corrói o mármore, alue os pilares do templo e esmaga nas suas ruínas o altar dos povos — os que deviam subsistir na gratidão nacional. Pelejou por eles — dando-nos a graciosa imagem daquele anjo do Juízo Final que arrebatava à chama do esquecimento os nítidos perfis da gente ilustre...

Tôda vida foi esse robusto gladiador da História — a salvar de espêso

olvido, onde mergulham, no mundo, os mortos vulgares, os que pela pátria, "se foram da lei da morte libertando"!

Caiu enfim, sobre a cruz da sua espada, fulminado em plena lida. A justiça que pleiteou há de aproveitar-lhe. O bem que fez se lhe reverterá em forma de prêmio definitivo. Florescerão sobre o seu sepulcro as sementes de idéias puras, que as suas mãos benditas, de semeador de patriotismo, espalharam pelos jardins da nacionalidade.

E sobreviverá — pela obrigação que temos de recordar quem viveu "recordando" a grandeza do Brasil!"

O Sr. MAX FLEIUSS nasceu nesta capital, a 2 de outubro de 1868, sendo filho de HENRIQUE FLEIUSS e de D. MARIA CAROLINA RIBEIRO FLEIUSS.

Em 1888, foi secretário particular do Ministro dos Estrangeiros, o Conselheiro RODRIGO SILVA. Exerceu o magistério, como professor da Escola Leonardo da Vinci e do Ginásio São Bento, nesta cidade. De 1915 a 1931, ocupou o cargo de Secretário da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e, quando se aposentou, recebeu o honroso título de Secretário Honorário da referida Escola.

Representou oficialmente o Brasil no II Congresso Internacional de História da América. Em 1939, integrou a banca examinadora do concurso para a cadeira de História da Civilização, na Universidade de São Paulo.

Dirigiu *A Semana*, de 1893 a 1895, e, posteriormente, o *Século XX e Renascença*, em 1904. Colaborou, também, no *O Comércio de São Paulo*.

Era doutor *honoris causa* da Universidade de La Plata; membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia de História Portuguesa, da Academia Cubana, da Academia de Munich, da Academia de História de Madri, da Academia Nacional de História Argentina, da Sociedade de Geografia de Lima (Perú), da Sociedade dos Americanistas de Paris; sócio da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; membro do Comité de Ciências Históricas, do qual foi eleito, na assembléia de Veneza, em 1929, Presidente da Comissão Brasileira de Iconografia.

Era ainda sócio correspondente de todos os Institutos Históricos dos Estados do Brasil e sócio Grande Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do que fôra eleito Secretário Perpétuo.

Recebeu condecorações de diversos governos estrangeiros, sendo Comendador da Ordem de Bolívar, da Venezuela; Comendador da Ordem do Sol, do Perú e Cavaleiro da Ordem de Cristo, de Portugal; e possuindo a Medalha Pro

Ecclesia, do Vaticano; e a Medalha (uma das trinta) cunhada pelo Governo da Alemanha em comemoração do centenário do falecimento de Goethe.

Damos a seguir a bibliografia do extinto:

Anuário do Clube de Literatura, 1886; *A Semana*, revista literária (em colaboração com VALENTIM MAGALHÃES), 1893-1895; *Antologia Brasileira — Férias*, aprovada pelo Conselho de Instrução Pública do Distrito Federal, 2.^a edição, 1902; *Centenários do Brasil*, 1900; *Elementos de História Contemporânea*, adaptação da obra de F. CORREARD, 1900; *Século XX*, revista literária e artística, 1905; *A Semana*, crônica de saúdes, 1915; *Francisco Manuel e o Hino Nacional*, 1916; *Quadros de História Pátria*, em colaboração com BASÍLIO DE MAGALHÃES, 1918, obra aprovada pela Instrução Pública do Distrito Federal; *Páginas Brasileiras*, 1919; *Macedo no Instituto Histórico*, 1920; *O Teatro no Brasil, Organização Política do Império, História da Imprensa no Brasil, História Administrativa do Brasil* (capítulos do Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil); *A Imperatriz Dona Teresa Cristina Maria*, 1922; *História Administrativa do Brasil*, 1923; *Centenário de Henrique Fleiuss*, 1923; *A Batalha do Passo do Rosário*, 1923; *Páginas de História*, 1924; *História Administrativa do Brasil*, 2.^a edição, 1925; *Centenário de Ayacucho*, 1925; *Biografia de D. Pedro II*, primeiros anos, educação, tutores e mestres, 1925; *D. Pedro II*, trasladação dos restos mortais do ex-imperador, 1925; *O Tratado de 29 de Agosto de 1825*, 1926; *Um marinheiro moderno*, Almirante ANTÔNIO COUTINHO GOMES PEREIRA, 1927; *Oliveira Lima*, 1927; *Política Naval Sul-Americana*, 1927; *História da Cidade do Rio de Janeiro*, resumo didático, 1928; *Páginas de História*, 2.^a edição, 1930; *Rio Branco*, 1931; *Ouro Preto*, 1931; *D. Pedro I*, 1931; *Esbôço da História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, monografia apresentada ao II Congresso de História Nacional, 1931; *Quarto Centenário da fundação de São Vicente*, 1932; *Oração de Paranjão do Ginásio de São Bento*, 1932; *A Cidade do Rio de Janeiro*, aspecto histórico, monografia apresentada à sessão inaugural do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, 1932; *Oração de Paranjão no Ginásio de São Bento*, 1933; *Apostilas da História do Brasil*, 2.^a edição, 1934; *L'Institut Historique et Géographique du Brésil*, 1938; *Cem anos bem vividos* (tese ao III Congresso de História Nacional), 1930; *O Instituto Histórico através da sua Revista*, idem, 1938; *D. Pedro II*, 1940; *Recordando* (Caso e Perfís), 1.^a série, 1941; *O Centenário de Manuel Barata* (Conferência no Instituto Histórico, 1941).